

Banqueiro faz elogio ao Brasil

Washington — O Brasil foi o país endividado que mais progrediu em 1984, segundo afirmou na segunda-feira passada, em reunião de banqueiros na Filadélfia, o presidente do comitê assessor dos bancos credores do Brasil, William Rhodes, que ontem deu início, em Nova Iorque, à terceira rodada de negociações da dívida brasileira.

Rhodes disse que o Brasil realizou “um progresso tremendo no setor externo da economia” e que a disposição dos banqueiros para negociar com o país mudou muito em relação ao pessimismo que havia há 12 meses, no início da segunda rodada.

“O Brasil, naquela ocasião, estava atravessando tempos difíceis. O Congresso encontrava-se mergulhado em debates acalorados sobre a lei salarial e havia graves dúvidas na comunidade bancueira sobre se qualquer pacote de renegociação seria aprovado pelos credores do país”, disse Rhodes, no seminário do Global Interdependence Center, na Filadélfia.

Empréstimos ao México

Após a conferência, Rhodes disse que o comitê assessor dos bancos estaria acolhendo a proposta do Governo brasileiro para reescalonar a dívida do país por um período de vários anos. Em sua palestra, entretanto, Rhodes fez a ressalva que o acordo concluído com o México

não deveria ser considerado como precedente para todos os países endividados.

“Existe uma tendência de se considerar o acordo do México como um modelo. Isso também significa ignorar as diferenças entre países”, afirmou. Outros banqueiros presentes ao encontro acharam que, no caso do Brasil, o comitê assessor deverá acolher o reescalonamento multi-anual, mas cobrará uma taxa de risco (SPREAD) superior à média mexicana de 1,25%.

Ao comentar a situação econômica mexicana, Rhodes foi mais positivo. Disse que o México teve “um desempenho econômico excelente em 1984” e deverá ser capaz de conseguir empréstimos voluntários dos bancos internacionais em 1985. Rhodes elogiou ainda a decisão dos mexicanos de pagar 1 bilhão 500 milhões de dólares de amortização da dívida nos próximos meses. Neste ponto, o presidente do comitê assessor defendeu a generalização da atitude mexicana, afirmando que o pagamento de amortizações no início do período de reescalonamento multianual da dívida fortalecia a disposição dos bancos credores em participar do acordo e, posteriormente, concederem novos empréstimos voluntariamente. Mencionou, nesse sentido, que o Ministro das Finanças do México, Silva Herzog. Pretende captar 19 bilhões 500 milhões de dólares em empréstimos voluntários até 1990.

Rhodes apresentou várias estatísticas sobre a economia brasileira, concluindo depois que “outros países poderão vir a lograr o mesmo sucesso (de desempenho econômico) do México”. Mencionou que o Brasil deverá ter acumulado quase 8 bilhões de dólares em reservas até dezembro, quando sua posição há 12 meses era negativa. Disse ainda que o país superou todas as projeções do início do ano em relação às contas externas. Disse que o superávit comercial brasileiro chegará perto de 13 bilhões de dólares, quando a projeção era de 9 bilhões. Aproveitou para comentar que sua própria projeção de janeiro aproximou-se mais da realidade e para criticar o ex-presidente do Banco Central, Carlos Langoni. “Eu estava prevendo no início do ano 12 bilhões de dólares, ao invés de 9 bilhões mas um certo ex-presidente do Banco Central do Brasil me dizia que não sabia do que estava falando. Até o meu amigo Galvêas afirmava que eu estava sendo mais brasileiro do que os brasileiros, que são conhecidos pelo otimismo”.

Rhodes disse ainda que a economia brasileira deverá crescer 3% em 1984 e que o déficit em conta corrente deverá ficar limitado a 2 bilhões de dólares.

ARMANDO OURIQUE

Correspondente